

SEÇÃO ARTIGOS

CORPO-ESPAÇO NA FLUIDEZ DA PAISAGEM

BODY-SPACE IN THE FLUIDITY OF THE LANDSCAPE

EL CUERPO-ESPACIO EN LA FLUIDEZ DEL PAISAJE

 [Guido Lins Bragioni](#)¹

Secretaria de Estado de Educação de Minas Gerais (SEE/MG),
Minas Gerais, Brasil
e-mail: guidolb13@hotmail.com

Resumo

Para Milton Santos (2001) tudo aquilo que se vê, e que a visão alcança, é a paisagem, “[n]ão apenas formada de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons, etc.” (p. 53). Pode-se compreender, então, a paisagem, como tudo aquilo que pode ser percebido, como tudo aquilo que pode ser sentido. No contexto urbano, a paisagem extrapola este conceito, uma vez que é construída, desconstruída e reconstruída constantemente pelos mesmos cidadãos que a vivenciam. Não obstante, considerar a paisagem como tudo o que pode ser percebido, e compreender que a paisagem urbana é construída pelos corpos é, além de tudo, enxergar esta paisagem como a expressão dos sentimentos da população que habita aquele espaço. Isso posto, revela um espaço misturado, vívido, tecido e em constâncias de movimentos, esboçando e construindo, nessa dinâmica, as paisagens urbanas.

Palavras-chave

Fluxos; Urbano; Paisagem; Cidade-corpo.

¹Graduado em Geografia pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) no Instituto de Geociências. Experiência em Geografia, com ênfase em análises da paisagem. Trabalha com produções fotográficas e de vídeos relacionados à aplicação de conceitos geográficos e também como professor de ensino básico de geografia. Áreas de Pesquisa: paisagem, geografia e arte, saberes e transdisciplinaridade, geografia humana, literatura e fotografia, geografia cultural.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRAGIONI, Guido Lins. A fluidez da paisagem na cidade-corpo. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 98-110, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 28/10/2021. Aceito em: 05/06/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Abstract

For Milton Santos (2001) All that is seen, and that the vision reaches, is the landscape (...). "Not only formed of volumes, but also of colors, movements, smells, sounds, etc." (p.53). In this sense, the landscape can be understood as everything that can be perceived, as everything that can be felt. In the urban context, the landscape goes beyond this concept, since it is constantly constructed, deconstructed and reconstructed by the same citizens who experience it. Nevertheless, considering the landscape as everything that can be perceived, and understanding that the urban landscape is built by bodies is, above all, seeing this landscape as an expression of the feelings of the population that inhabits that space. That said, it reveals a space, mixed, vividly woven and in constant motion, outlining and building, in this dynamic, these urban landscapes.

Keywords

Flows; Urban; Landscape; City-body

Resumen

Para Milton Santos (2001) todo lo que se ve, y que la visión alcanza; es el paisaje (...) "No sólo formado de volúmenes, sino también de colores, movimientos, olores, sonidos, etc." (p.53). Se puede entender, entonces, el paisaje, como todo lo que se puede percibir, como todo lo que se puede sentir. En el contexto urbano, el paisaje va más allá de este concepto, ya que es constantemente construido, deconstruido y reconstruido por los propios ciudadanos que lo viven. Sin embargo, considerar el paisaje como todo lo que se puede percibir, y entender que el paisaje urbano lo construyen los cuerpos es, sobre todo, ver este paisaje como la expresión de los sentimientos de la población que habita ese espacio. Eso sí, revela un espacio mezclado, vivo, tejido y en constantes movimientos, perfilando y construyendo, en esta dinámica, los paisajes urbanos.

Palabras-clave

Flujos; Urbano; Paisaje; Ciudad-cuerpo.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRAGIONI, Guido Lins. A fluidez da paisagem na cidade-corpo. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 98-110, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 28/10/2021. Aceito em: 05/06/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Introdução

Os corpos que percorrem as ruas e calçadas da cidade transportam consigo identidades, marcas e memórias na mesma intensidade em que a cidade tece sobre esses corpos novas perspectivas e vivências espaciais. Nesse estar lançado e nessa relação mútua em que a cidade concede experiências aos sujeitos e os sujeitos transcrevem histórias na cidade, podemos propor um diálogo que se alimenta pelo par dialético cidade-corpo. A cidade e o corpo se implicam mutuamente, construindo laços e elos que reverberam e fazem parte do espaço e da paisagem urbana. No horizonte da cidade é possível percorrer o olhar e sensibilizar-se com as relações prontas e profundas do corpo com a cidade.

Na dinâmica fluida da cidade, o corpo é chave para entender e exprimir os processos espaciais urbanos que refletem e esboçam as suas marcas na paisagem. E na sinfonia de avenidas e luzes, a cidade é percebida pelos sujeitos que carregam um corpo e suas vulnerabilidades e que automaticamente atuam na construção da paisagem. Da mesma forma, contudo, que não se pode pensar em uma sociedade fora de um espaço, não se pode pensar, também, em qualquer paisagem deslocada do humano, dos sujeitos e dos corpos. E a cidade escreve diariamente suas paisagens, sempre condicionadas aos corpos. Duradoura, breve ou efêmera, mas sempre interligada ao fluído das relações e ações, a paisagem urbana pode ser entendida como a motriz e o acervo vivo e animado do espaço geográfico urbano. Nela estão contidas as animações que fazem da cidade uma possibilidade de enxergar os fluxos e fixos instalados, e assim fazendo do espaço geográfico um acontecimento urbano.

Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,
Vejo os cães que também existem,
E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo,
E tudo isto é estrangeiro, como tudo.
(PESSOA/CAMPOS, 1944, s.p)

A paisagem, como recorte fragmentário de uma totalidade (o espaço geográfico), nos dá a possibilidade de fazer críticas recheadas pela possibilidade de captura dos objetos

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRAGIONI, Guido Lins. A fluidez da paisagem na cidade-corpo. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 98-110, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 28/10/2021. Aceito em: 05/06/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

na sua forma singular e universal, em correspondência com as sensações dos corpos que se entrelaçam, constroem e pertence à cidade. Anne Cauquelin (2007, p. 46) nos propõe a pensar a paisagem como algo que não se reduziria apenas ao que está posto ao exterior, mas como algo que também é dotado de interioridades, sendo elas humanas. A paisagem “[...] se instalaria definitivamente em nossos espíritos com a longa elaboração das leis da perspectiva”.

Com isso, a paisagem nos propõe ainda mais, a pensar o que ainda está por trás do representável da modernidade, assim como os processos socioespaciais, que estão enraizados e muitas vezes são invisíveis na consolidação fluída da paisagem. E essa, que é a mesma paisagem que se ergue não só pela existência de mundo, mas por tudo o que desencadeia a existência e as possíveis experimentações de mundo dos sujeitos.

Espaço urbano: a modernidade e a fluidez

A concepção de espaço urbano surgiu a partir da modernidade, sendo ele produzido pelas relações econômicas, culturais e sociais que são constantemente transformadas e vivenciadas, transpondo as fronteiras do espaço físico. A modernidade trouxe uma nova possibilidade de reflexão da sociedade, ligada aos seus valores, às suas metamorfoses, ou até mesmo intimamente ligados a produção do capital e ao mercado em suas amplitudes e seus recortes. Paul Claval (2006) designa a paisagem como uma operação dos sentidos humanos, sendo esses sentidos os responsáveis por significar a paisagem vivida.

O espaço urbano, dessa forma, mesmo que no subconsciente do pensamento, é analisado e associado a partir das percepções da paisagem moderna. Entretanto, toda essa paisagem tem suas raízes na produção econômica, social e estrutural das cidades e metrópoles, que também perpassam pelos homens e seus corpos-espaço, ou seja, por ideais e movimentos fluídos marcados nos corpos por adventos espaciais e impostos ao convívio com a cidade. Quando, por exemplo, observa-se as mudanças urbano-espaciais ao longo de suas construções e tempos históricos, é possível perceber a figura dos homens e das mulheres como sujeitos da modernidade (BERMAN, 1982), onde o espaço animado

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRAGIONI, Guido Lins. A fluidez da paisagem na cidade-corpo. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 98-110, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 28/10/2021. Aceito em: 05/06/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

e das relações evidenciam transformações e relações fluidas que constroem fronteiras geográficas e sociais, e ao mesmo tempo tem o papel de agregar e esboçar espaços humanos através dos corpos e do próprio pensar.

Sabemos que é complexo andar numa cidade feita para o trânsito rápido. A cidade foi profundamente marcada pelos modos de fluir, circular, consumir e experimentar o tempo, trazidos por tal modelo de movimento... O urbano moderno, na contemporaneidade é, também, a expressão da velocidade. A velocidade impressa no tecido das cidades, em suas avenidas e no cotidiano de suas relações, indica que o urbano é expressão de um tempo social, cuja face mortífera produz e experimenta uma só velocidade: a aceleração. (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p. 15-16)

O espaço urbano é perpassado por uma dinâmica efêmera evidenciada pelo seu vai e vem diário. A cinética humana na qual corpo e espaço se exprimem em existência, é mediante a cada um desses corpos individualmente, que advém a percepção do espaço como ele é em sua totalidade. Seja nos automóveis, na verticalidade dos prédios ou nos feixes de luz que contornam avenidas, pode-se perceber a inquietude urbana e populacional de uma modernidade alocada à produtividade e acomodada com a movimentação, sempre em sintonia com os fluxos.

As mudanças são quantitativas mas também são qualitativas. Se até mesmo no início dos tempos modernos as cidades contaram com jardins, isso vai tornando-se mais raro: o meio urbano é cada vez mais um meio artificial fabricado com restos da natureza primitiva crescentemente encobertos pelas obras dos homens. A paisagem cultural substitui a paisagem natural e os artefatos tomam, sobre a superfície da terra, um lugar cada vez mais amplo. (SANTOS, 1988, p. 42)

Esse estar lançado ao meio informacional, rebuscado pelas técnicas, nos propõe a enxergar os espaços urbanos através das paisagens que eles exprimem. Esse encontro de paisagens e corpos-cidade constitui a dádiva de uma modernidade em constante movimento, mas também em constante distância. É como se a cada engarrafamento ou tráfego nas vias, a proximidade dos automóveis nos distanciasse uns dos outros. E o corpo, regado pela memória, de dentro para fora, sofresse com a drástica penumbra da produtividade e do consumo reluzida em fluxos contínuos e deslocamentos em prol dessa mesma modernidade. Por todos os lados e cantos da cidade moderna podemos localizar

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRAGIONI, Guido Lins. A fluidez da paisagem na cidade-corpo. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 98-110, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 28/10/2021. Aceito em: 05/06/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

os usos e desusos da paisagem advinda do capital. De uma presa se faz uma bola de bilhar, outra serve para uma calçadeira – cada produto no mundo foi examinado e classificado segundo seu uso e valor (WOOLF, 2017, p. 29). Assim como nas paisagens urbanas, onde cada parte dessa paisagem se ergue pelo interesse econômico, afetivo, social, mas impreterivelmente não consegue deixar de lado a totalidade espacial que elucida.

Mesmo com os diversos entendimentos da paisagem urbana pela modernidade, não podemos desconsiderar as relações do corpo-espço e do corpo-cidade. Os corpos resistentes e viventes nas cidades, também, carregam marcas e histórias pessoais que se misturam. E o urbano também se ergue daí.

O corpo é o território de onde dizemos o mundo. No mínimo, o corpo é um instrumento de ação. O corpo olha, é, sente; o corpo pensa. É o corpo que sente, pensa e diz a cidade e, ao dizê-la, transforma-se nela. O inverso: a cidade marca a sua existência por meio do corpo dos sujeitos do mundo que, nos lugares-territórios, experimentam a vida (HISSA; NOGUEIRA, 2013, p. 8)

O corpo é o cerne da cidade. É onde expressamos desejos, interesses e vontades. E a cidade se abre ao corpo, não fragmentando suas particularidades, mas unindo o que há de fluxos e misturas no vai e vem moderno das estações, sacadas, praças, prédios, elevadores e roletas. No meio urbano, cidade e corpo sustentam e narram as práticas sociais (CERTEAU 2008).

A cidade-corpo

O espaço por si só, sem considerarmos o corpo que o permeia e o habita não existe. Ao mesmo tempo, o corpo não existiria sem o espaço, uma vez que ele faz parte das histórias dos lugares, dos territórios e das paisagens (BRAGIONI; ARAÚJO, 2020, p. 52). Sendo assim, pensar as relações entre a paisagem urbana e o corpo significa conceber que o espaço geográfico é constituído por uma materialidade animada, diversa e atravessada nos corpos e, ao mesmo tempo, que esses corpos se aportam no espaço e no tempo, atravessados pelas intensidades com as quais experimentam a cidade. Desta forma, é possível pensar e discutir o “corpo-espço” (o corpo no espço), o “espço-

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRAGIONI, Guido Lins. A fluidez da paisagem na cidade-corpo. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 98-110, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 28/10/2021. Aceito em: 05/06/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

corpo” (corpo como espaço) e a própria “cidade-corpo” em uma relação dialética, com suas formas e com a vida que os anima.

A cidade-corpo permite-nos enxergar as influências cotidianas e geográficas-espaciais impostas aos sujeitos em convívio com a cidade. A cidade-corpo carrega uma densidade embolada de rastros diários e metódicos. Nas ruas da cidade-corpo encontramos passos e distâncias que se esbarram. Na cidade que se adensa e acelera, a recepção cognitiva se descola de um aprendizado outrora ditado pela ação, por um domínio técnico do ofício pensado como um processo de maturação física do corpo em seu entorno sócio-técnico e a informação é substituída pela sensação (LOPES, 2015, p. 106)

Nas cidades e no meio urbano, na imensidão de luzes, prédios e ruas, a realidade tende a ser a mesma: corpos, tumultuados de ações e gentes animam paisagens que se realizam através do movimento. Podemos falar, então, que há uma relação de reciprocidade na qual corpo e a cidade se implicam mutuamente. Não haveria, nesse sentido, para um indivíduo, a cidade se ele próprio não fosse um corpo no espaço urbano. O corpo experimenta a cidade. A cidade vive por meio do corpo dos sujeitos (HISSA; NOGUEIRA, 2013)

A cidade-corpo se reescreve a cada dia, pelos sujeitos do mundo, em territórios que se movem e avançam através de nós – que podem, portanto, se encontrar ou, na mesma medida, não coincidir. Os diferentes territórios que percorrem a cidade se erguem e sobrepõem fronteiras. Mas ainda no campo dos exercícios de poder e dos afetos (HISSA, 2002), a cidade-corpo se revela em suas possibilidades de corpos que a compõem.

[...] a cidade não se faz na sua inteireza, a um tempo só, mas ela se faz anacronicamente, nos lugares da inteireza idealizada, presente nas cartografias ideais que preenchem os imaginários e os desejos de ter o mundo nas mãos ou nos mapas. Assim, como não há a cidade inteira, também não há a cidade que se faz completa e a um tempo só. A cidade é sempre incompleta, e vai se resolvendo no ritmo dos fazeres distintos, tal como são compreendidos, em sua distinção, desde que eles estejam subordinados à prevalência da racionalidade cartesiana em detrimento das subjetividades. (HISSA; WSTANE, 2009, p. 89)

E nas subjetividades interpostas, as paisagens urbanas se fazem por toda a cidade-corpo, comprovando o que de fato há no corpo da cidade. Seja nas manifestações artísticas

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRAGIONI, Guido Lins. A fluidez da paisagem na cidade-corpo. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 98-110, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 28/10/2021. Aceito em: 05/06/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

ou no modo e na intensidade com que se caminham pelas calçadas. Pelo modo como sentamos ou não nos bancos das praças e dos museus e de como constituímos a paisagem.

Tal paisagem é revivida diariamente e implementada na noção espacial dos sujeitos. A relevância dos contextos culturais sobre a construção da paisagem é evidente de várias maneiras. A paisagem tem uma importância social que se caracteriza por referências da vida cotidiana. As pessoas constroem paisagens em ambientes cotidianos baseados em diversas origens sociais e culturais. É uma relação mútua entre o espaço e as experiências socioculturais onde um influencia o outro para a construção do conhecimento do espaço como manifestação cultural no mundo.

Paisagens urbanas: travessias pela cidade-corpo

A típica associação da paisagem à superfície é mais de o que se passa pelo raso. Na compreensão de seu conceito, o nosso corpo é também chave para exprimir o espaço e a paisagem. A natureza íntima de cada paisagem é decifrada e compreendida de acordo com as experiências pessoais de cada corpo, afinal, paisagem é tudo aquilo que o que a visão e a percepção alcançam: sons, odores, vista, etc. (SANTOS, 2000). Com isso, cada corpo no tumultuado de ações urbanas, pratica a sua percepção de acordo com suas histórias, medos, receios e vontades.

Nas cidades, as aparências se exprimem para além de suas próprias formas e abrangem questões que permeiam o nosso corpo e as suas relações corpóreas com a paisagem. A cidade-corpo não possui horizontes, pois ela se oferece como paisagem vista de dentro, dificultando qualquer representação conceituada por mapas. Suas fronteiras são moventes e nós nos movemos através delas, por elas (HISSA, 2013). A paisagem da cidade, contudo, se dá nos reflexos da incidência de luz sobre o concreto, na pressa ou na lentidão que se tem de chegar a algum lugar.

O olhar percorre as ruas como se fossem páginas escritas: a cidade diz tudo o que você deve pensar, faz você repetir o discurso, e, enquanto você acredita estar visitando Tamara, não faz nada além de registrar os nomes com os quais ela define a si própria e todas as suas partes. (CALVINO, 1990, p. 18)

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRAGIONI, Guido Lins. A fluidez da paisagem na cidade-corpo. *Ensaios de Geografia*. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 98-110, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 28/10/2021. Aceito em: 05/06/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Estar sobre as paisagens da cidade-corpo é antes de tudo estar sobre você mesmo e suas finalidades. É abarcar ao espaço na mesma frequência em que o espaço se lança ao corpo. Uma relação dialética para consolidações das paisagens urbanas. A paisagem é marca, matriz e processos espaciais. Na paisagem urbana se esboçam e escancaram rugosidades, histórias contadas por corpos e a própria ação operativa do olhar, ou seja, a paisagem da cidade-corpo é humana, antes de tudo.

Conseguimos imergir em diferentes dimensões e em poucos períodos de tempo dentro do meio urbano. Somos levados pela perspectiva que cada canto da cidade apresenta e nos refugiamos naqueles que através de nós, nos convém. Expressamos a nossa parte da cidade observando os carros que passam ou deixando-os de serem observados. A paisagem vai se automatizando na cidade e em nós até o momento em que nossos olhares são permitidos de serem penetrados pela dinâmica fluida do urbano. As relações sensoriais atreladas a cidade, derivadas das vivências espaciais em suas diferentes temporalidades, estão continuamente vinculadas ao que a visão alcança.

Seja pelos outdoors, por marcas e imagens-propagandas, deixamos passar sons, cheiros e movimentos, condicionados pela espetacularização das figuras impostas aos olhos. No cerne da retração do tato e da preponderância da visão encontramos o impulso à velocidade dos fluxos na metrópole. A aceleração produz uma espécie de defesa psíquica observável no automatismo e na ausência de reflexão (LOPES, 2015, p. 105)

Atravessamos a cidade e o caminhar nos condiciona e a vivenciar fronteiras, limites, conflitos e territórios. Todos esses com suas peculiaridades na paisagem de cada ser - movente da cidade. Para alguns o conflito se instala nas periferias, para outros a periferia é o refúgio, a casa, o território e a morada. O medo que acompanha o caminhar por um espaço distante do seu é motivo de pânico e de cautela. Mas atravessamos imagens muitas vezes deslocadas da história e do entendimento humano da cidade e dos corpos.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRAGIONI, Guido Lins. A fluidez da paisagem na cidade-corpo. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 98-110, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 28/10/2021. Aceito em: 05/06/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Figura 1: Fixações no contraste do fluxo



Fonte: Acervo do autor (2021).

Uma crítica da paisagem aponta, pois, para a construção de parâmetros que revelem, pelos arranjos socioespaciais, o invisível das formas urbanas visíveis, tratando os objetos técnicos de modo sistemático e globalizante. É necessário revelar, por trás dos sistemas de objetos, os sistemas de valores que embasam as ações dos diferentes agentes e grupos que produzem espaço. Trata-se de intervir no todo estrutural (o espaço), introduzindo novos objetos em arranjos urbano-regionais, cuja lógica deve ser compreendida, analisada e criticada, ao invés de relegada ao plano dos “desvios” ou do “indesejável”. (SERPA, 2010, p. 136).

A Figura 1 faz alusão a uma crítica da pressa pelo fato de estarmos preso à velocidade da cidade. A paisagem urbana, ao mesmo tempo em que é movimentada, nos prende à rotina da rapidez e muitas vezes nos faz ignorar a necessidade de pausa durante a jornada. Dessa forma, os corpos permanecem imóveis e são capazes de se prenderem na pressa diária instalada no combinado de fluxos.

Nesse ponto, as fronteiras se perdem no plano e se limitam nos interesses maiores. E, ainda nas possibilidades de entender essa paisagem, nos submetemos a tudo aquilo que nos rega, nos alimenta e nos complementa diante do cenário e do espaço urbano.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRAGIONI, Guido Lins. A fluidez da paisagem na cidade-corpo. *Ensaio de Geografia*. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 98-110, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 28/10/2021. Aceito em: 05/06/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

A paisagem urbana também é um híbrido de animações de objetos e pessoas. Nela estão inscritas relações, processos históricos, econômicos, sociais e políticos. Tal qual, essa paisagem se possibilita de ser enxergada pela arte, pela geografia, história, fotografia, etc. e pela miscelânea dos sentidos e corpos, reafirmando a essência de um espaço geográfico completamente regado pela transdisciplinaridade de acontecimentos e entendimentos.

Considerações finais

O espaço e sua produção permitem diversas reflexões. Numa complexa e rica dança da diversidade não há uma única definição que nos permita dizer e limitar até onde vai esse conceito de espaço. A diversidade está presente na produção do espaço e na dialética do concreto nas relações. A cidade em sua complexidade e em sua totalidade é fonte de pensamento e de reflexão sobre as fronteiras interdisciplinares, sociais e políticas.

Então, pensar o espaço urbano através da paisagem e da cidade-corpo significa, instintivamente, conceber diálogos entre os diversos saberes. Na fluidez da totalidade espacial, é que se convergem os diálogos. Milton Santos nos traz como perspectiva o conceito de espaço banal, o espaço amplo de todos e de tudo. “Trata-se do espaço de todos os homens, não importa suas diferenças; o espaço de todas as instituições, não importa a sua força; o espaço de todas as empresas, não importa o seu poder” (SANTOS, 2000, p. 104); o espaço de todos os saberes, pensamentos e elos.

Dessa forma, as possibilidades de retratar a paisagem urbana através dos diversos saberes, como a arte, como a própria fotografia, o cinema, a literatura e a música, são fiéis e correspondem com as vivências espaciais dos sujeitos na cidade. Os próprios corpos se misturam em suas interdisciplinaridades e vão de encontro aos outros, correspondendo e permitindo-nos observar paisagens, reafirmar territórios e experimentar lugares.

A cidade e sua paisagem é uma construção diária e contínua e dotada de relações intrínsecas. Suas ruas podem ser versos poéticos ou nós embolados de solidões. Mas será sempre cidade visceral, carnal de percepções e desassossegos.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRAGIONI, Guido Lins. A fluidez da paisagem na cidade-corpo. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 98-110, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 28/10/2021. Aceito em: 05/06/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaios de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

Cada rua é um canal de uma Veneza de tédios
E que misterioso o fundo unânime das ruas,
Das ruas ao cair da noite, ó Cesário Verde, ó Mestre,
Ó do “Sentimento de um Ocidental!”
(PESSOA/CAMPOS, 1944, s.p)

Referências

BERMAN, M. **Tudo o que é sólido desmancha no ar**. 7ª Edição. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

BRAGIONI, G; ARAÚJO, M. Corpo e espaço: uma reflexão dialética acerca do objeto de estudo da geografia. **Revista Geografia, Literatura e Arte**, [S. l.], v. 2, n. 2, p. 49-64, 2020. DOI: 10.11606/issn.2594-9632.geoliterart.2020.168193. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/geoliterart/article/view/168193>>. Acesso em: 12 nov. 2020.

LOPES, M. Condições de Possibilidade da Arrogância. In. **Ensaios sobre a arrogância** NEHCIT/EA UFMG, p 104 -110, 2015 - Disponível em: <<https://halshs.archives-ouvertes.fr/halshs-01236741/document>>. Acesso em: 20 nov. 2020

CAUQUELIN, Anne. **A invenção da paisagem**. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2007.

CERTEAU, M. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2008.

HARVEY, D. **A produção capitalista do espaço**. Tradução Carlos Szlak. Coordenação Antônio Carlos Robert Moraes. São Paulo: Annablume, 2005

HISSA, C. **A mobilidade das fronteiras**. Belo Horizonte. UFMG. 2002.

HISSA, C.; NOGUEIRA, M. Cidade-corpo. Revista UFMG, Belo Horizonte, v. 20, n. 1, p. 54-77, jan./jun. 2013. Disponível em <https://www.ufmg.br/revistaufmg/downloads/20/3-cidade-corpo_cassio_hissa_e_maria_nogueira.pdf>. Acesso em: jul. 2020.

HISSA, C. E. V.; WSTANE, C. Cidades Incapazes. **GEOgraphia**, v. 11, n. 21, p. 85-100, 28 out. 2010. Disponível em: <<https://doi.org/10.22409/GEOgraphia2009.v11i21.a13572>>. Acesso em: jul. 2020.

LEFEBVRE, H. **Lógica formal/lógica dialética**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1947.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRAGIONI, Guido Lins. A fluidez da paisagem na cidade-corpo. **Ensaios de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 98-110, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 28/10/2021. Aceito em: 05/06/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons

Ensaio de Geografia

Essays of Geography | POSGEO-UFF

PESSOA, F. Dois excertos de odes (Fins de duas odes, naturalmente). **Poesias de Álvaro de Campos**. Lisboa, Ática, 1944. Disponível em: <<http://arquivopessoa.net/textos/129>>. Acesso em: 10 nov. 2020.

SANTOS, M. **A natureza do espaço; técnica e tempo; razão e emoção**. São Paulo: Hucitec, 2000.

SANTOS, M. **Metamorfoses do espaço habitado, fundamentos teórico e metodológico da Geografia**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SERPA, A. Milton Santos e a Paisagem: Parâmetros para a Construção de uma Crítica da Paisagem Contemporânea. **Paisagem e Ambiente**, [S. l.], n. 27, p. 131-138, 2010. DOI: 10.11606/ISSN.2359-5361. vol 27, p. 131-138. Disponível em: <<http://www.revistas.usp.br/paam/article/view/77376>>. Acesso em: 1 dez. 2020.

WOOLF, V. **Cenas Londrinas**. – 3ª Edição, Tradução de Myriam Campello. Rio de Janeiro: José de Olympio, 2017.

AO CITAR ESTE TRABALHO, UTILIZAR A SEGUINTE REFERÊNCIA:

BRAGIONI, Guido Lins. A fluidez da paisagem na cidade-corpo. **Ensaio de Geografia**. Niterói, vol. 9, nº 18, pp. 98-110, maio-agosto de 2022.

Submissão em: 28/10/2021. Aceito em: 05/06/2022.

ISSN: 2316-8544



Este trabalho está licenciado com uma licença Creative Commons